

Iidemyia, um novo gênero neotropical de Pachygastrinae (Diptera, Stratiomyidae)

José Roberto Pujol-Luz¹

¹Departamento de Zoologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, 70910-900 Brasília-DF, Brasil. jrpujol@unb.br

ABSTRACT. *Iidemyia*, a new neotropical genus of Pachygastrinae (Diptera, Stratiomyidae). *Iidemyia*, **gen.nov.**, is proposed for *Panacris microdonta* Kertész (new record from Brazil, States of Espírito Santo and São Paulo). The new genus differs from the allied genera *Panacris*, *Spyridopa*, and *Tijucameru* in the male terminalia, shape of the scutellum and scutellar spines, and the presence of a supra-alar callus.

KEYWORDS. Biodiversity; Brazil; taxonomy.

RESUMO. *Iidemyia*, um novo gênero neotropical de Pachygastrinae (Diptera, Stratiomyidae). *Iidemyia*, **gen.nov.**, é proposto para *Panacris microdonta* Kertész (novo registro no Brasil, Estados do Espírito Santo e São Paulo). O novo gênero difere dos gêneros afins *Panacris*, *Spyridopa* e *Tijucameru* na terminália do macho, forma do escutelo e espinhos escutelares, e pela presença do calo supra-alar.

PALAVRAS-CHAVE. Biodiversidade; Brasil; taxonomia.

Os Pachygastrinae constituem um grupo heterogêneo de Stratiomyidae com grandes variações principalmente no tamanho e na coloração, bem como na forma das antenas, na venação alar, ornamentações e número de espinhos escutelares. Na Região Neotropical ocorrem 56 gêneros, destes 34 são monotípicos e 27 ocorrem no Brasil, onde existem 62 espécies conhecidas (modificado de Woodley 2001). Nas poucas revisões feitas para táxons dessa subfamília é reduzido o número de chaves para identificação dos gêneros, tanto para a fauna mundial (Lindner 1964) quanto para as faunas regionais (James 1967, James *et al.* 1980).

James *et al.* (1980) fizeram a revisão de 22 gêneros de Pachygastrinae, com a descrição de novos táxons. No gênero *Panacris*, descreveram duas novas espécies e expressaram dúvidas a respeito da permanência de *P. microdonta* nesse gênero, principalmente por causa da forma, posição e do número de espinhos escutelares, e da presença do calo pós-sutural supra-alar, uma peculiar projeção mesotorácica em forma de concha sobre os escleritos alares de ambas as asas (“tegula” de James *et al.* 1980; e “Praealarcallus” de Kertész 1908). Os autores caracterizaram *P. microdonta* da seguinte maneira: “Easily recognizable from all other known species in the genus [*Panacris*] by the presence of a small but clearly evident, flattened lobe-like extension of mesonotum, somewhat in the form of a projecting tegula (Praealarcallus of Kertész) just above each wing base, and by the unusually small spines of the scutellum. The scutellum is semi-oval, broadly rounded apically, with a pair of small spines, each about one-fourth to one-fifth the length to the scutellum ...”, e seguem: “In other species of the genus the scutellum is trapezoidal in form and transverse apically, its spines much larger and set on its apical

corners”. Após outros comentários afirmam que esta é uma das espécies de *Panacris* que deveria ser transferida para outro gênero.

O gênero *Panacris* Gerstaecker, 1857 é representado atualmente por sete espécies neotropicais, das quais quatro ocorrem no Brasil: *P. breviseta* Lindner, 1964, *P. lucida* Gerstaecker, 1857, *P. microdonta* Kertész, 1908 e *P. nigribasis* Lindner, 1964 (modificado de Woodley 2001); destas, apenas *P. lucida* e *P. microdonta* estão representadas em coleções no Brasil.

Pujol-Luz (2000) iniciou uma série de estudos sobre as espécies do gênero *Panacris*, examinando os tipos das duas espécies relacionadas; considerou *P. proxima* Kertész, 1908 sinônimo júnior de *P. lucida*. Posteriormente, Pujol-Luz & Assis-Pujol (2002) revalidaram o gênero monotípico *Spyridopa* Gerstaecker, 1857 (espécie-tipo *Spyridopa tarsalis* Gerstaecker, 1857; anteriormente *Panacris tarsalis*) com base no exame do holótipo. Em seguida, Pujol-Luz & Galinkin (2004) propuseram o gênero monotípico *Tijucameru* para *Panacris maxima* Kertész, 1908.

No presente trabalho, *P. microdonta* é transferida para o novo gênero *Iidemyia*, com base em estudos comparativos da terminália do macho, destacando a forma do hipândrio, dos gonocoxitos, dos gonóstilos e do edeago. A identificação dessa espécie foi realizada de acordo com as características descritas por James *et al.* (1980) e tomou por base a forma e posição dos espinhos escutelares, que diferem dos padrões conhecidos e descritos para as outras espécies dos gêneros afins de acordo com James *et al.* (1980), Pujol-Luz (2000), Pujol-Luz & Assis-Pujol (2002) e Pujol-Luz & Galinkin (2004). Os síntipos depositados na Zoologische Staatssammlung,

Alemanha, não foram examinados porque os exemplares disponíveis para este trabalho combinam perfeitamente com as figuras e descrições anteriores para esta espécie encontradas principalmente na descrição original de Kertész (1908) e em James *et al.* (1980).

A terminologia adotada nas descrições foi adaptada de McAlpine (1981) e Pujol-Luz (2000). Os acrônimos das instituições citadas no texto são: **HNHM**, Magyar Természettudományi Múzeum, Budapest, Hungria; **MZSP**, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, São Paulo; **ZSBS**, Zoologische Staatssammlung, Munique, Alemanha.

***Idemyia*, gen. nov.**

Espécie-Tipo: *Panacris microdonta* Kertész, 1908: 366.

Etimologia: Homenagem ao entomologista brasileiro, professor e amigo, Dr. Paulo Iide.

Diagnose: Coloração geral azul-escuro a preta com discretos reflexos metálicos. Cabeça semi-esférica com largura máxima inferior à maior distância entre os calos umerais em ambos os sexos. Machos holópticos e fêmeas dicópticas; olhos compostos com pilosidade densa. Margens do occipício pouco desenvolvidas. Gena suavemente projetada para baixo, com pilosidade clara e esparsa. Triângulo ocelar pequeno e protuberante. Fronte e face suavemente convexas. Antena com flagelo globular no macho e com a extremidade mais afilada na fêmea; arista longa, proporcionalmente mais desenvolvida no macho. Disco do tórax azulado a preto brilhante, com pilosidade

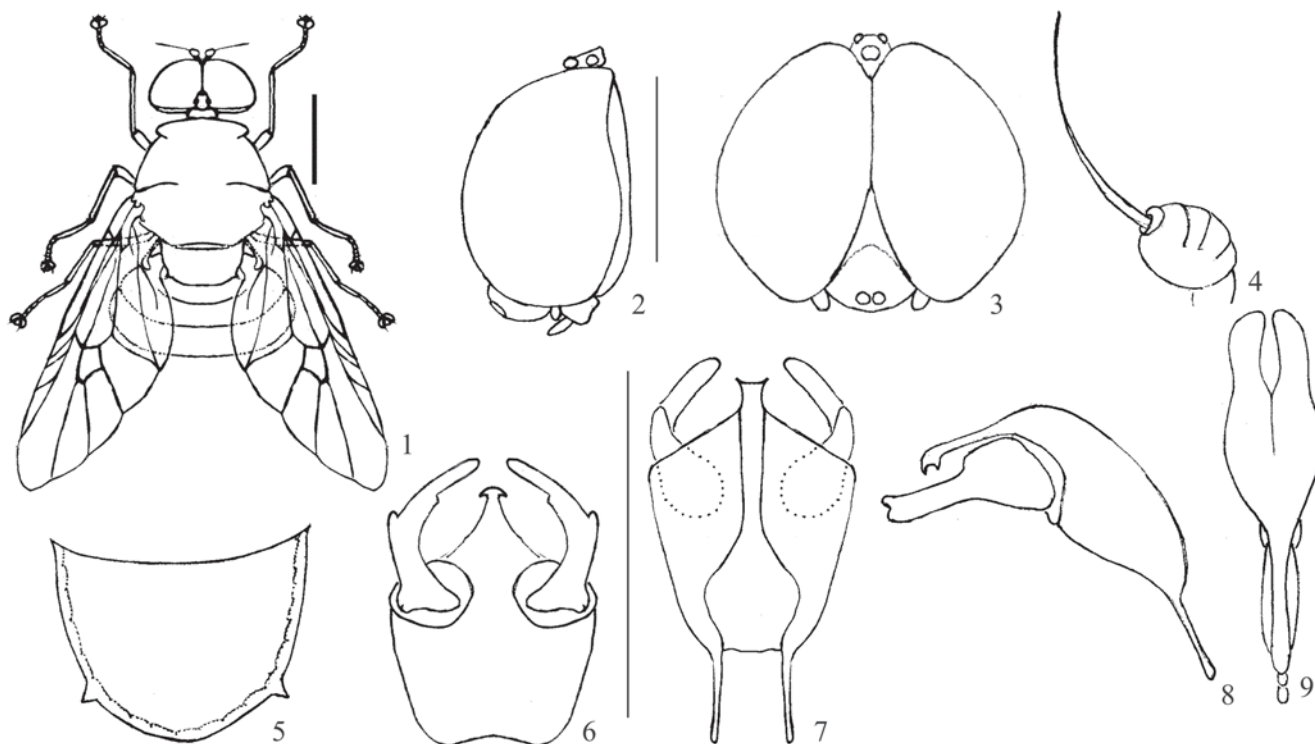
preta, curta e densa. Mesotórax com um calo pós-sutural supra-al ar em forma de concha. Escutelo convexo, com as margens laterais encurvadas, convergindo em direção à margem posterior que é semi-circular em vista dorsal, preto brilhante a azulado, com pilosidade esparsa e preta. Espinhos escutelares muito curtos e robustos localizados lateralmente no limite do terço posterior do escutelo, no início da margem posterior. Halteres amarelados. Tarsômeros castanho-escuros.

***Idemyia microdonta* (Kertész, 1908), comb. nov.**

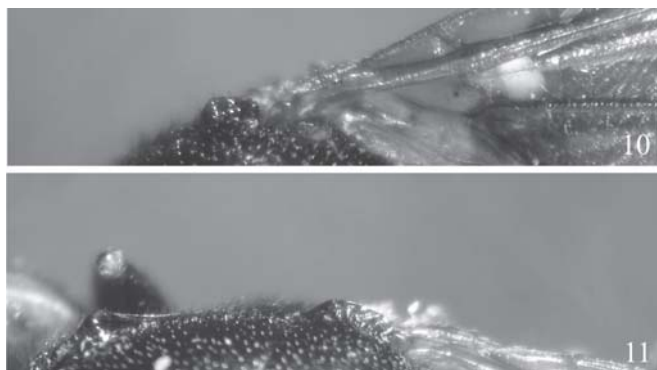
Panacris microdonta Kertész, 1908: 366. Síntipo (macho e fêmea) HNHM, destruídos: Peru, Huánuco, foz do rio Pachitea; Síntipos (macho e fêmea) HNHM, destruídos: Peru, Ucayali, Mishagua [como Meshagua, erro], rio Urubamba; Síntipos (macho e fêmea) HNHM, destruídos: México; Síntipos (macho e fêmea) ZSBS: Costa Rica. (segundo Woodley, 2001: 127).

Registro da distribuição geográfica: **Neotropical**: Bolívia; Brasil (**novo registro**) (Espírito Santo e São Paulo); Costa Rica; El Salvador; Guatemala; México (Chiapas, Nayarit, Oaxaca, San Luís Potosí, Sinaloa, Veracruz); Panamá; Peru; Venezuela.

Macho. Cabeça semi-esférica, castanho-escuro, largura máxima não maior que a distância entre os extremos dos calos umerais (Fig. 1). Triângulo ocelar protuberante (Figs. 2-3). Olhos compostos holópticos (Figs. 3), com pilosidade curta e densa. Occipício castanho escuro, relativamente estreito ao longo das margens oculares (Fig. 2). Fronte e face pouco protuberantes, suavemente convexas em vista lateral e



Figs. 1-9. *Idemyia microdonta*. (Kertész, 1908), **comb. nov.** 1, *Habitus* do macho (vista dorsal); 2, Cabeça (vista lateral); 3, Cabeça (vista frontal); 4, Antena; 5, Escutelo (vista dorsal); 6, Cápsula genital (vista ventral); 7, Cápsula genital (vista dorsal); 8, Cápsula genital (vista lateral); 9, Edeágo (vista dorsal).



Figs. 10-11. *Idemyia microdonta*. (Kertész, 1908), **comb. n.** 10, Calo pós-sutural supra-alar do macho (vista dorsal); 11, Calo pós-sutural supra-alar da fêmea (vista lateral).

delimitadas dos olhos por estreitas faixas de pilosidade prateada (Fig. 2). Antenas castanho-claras, com escapo e pedicelo caliciformes; flagelo globular (Fig. 4), flagelômeros muito curtos e parcialmente fusionados entre si e revestidos de pilosidade esparsa; arista mais longa que o complexo antenal, de coloração castanho-escuro, com diminutas cerdas esparsas na base. Tórax preto-brilhante a azul escuro com reflexos metálicos discretos, revestido de pilosidade curta e esparsa (Fig. 10). Mesotórax com os calos pós-suturais supra-alares pequenos, cerca da metade do comprimento do da fêmea, em forma de concha, com a margem crenulada (Fig. 10). Escutelo convexo, de cor semelhante ao restante do mesonoto, margens laterais encurvadas, convergindo em direção à margem do terço posterior, onde estão dois espinhos divergentes, robustos e muito curtos, com a metade distal castanho-escuro ou avermelhada, delimitando a margem posterior em forma de arco de círculo (Figs. 5, 10). Asas hialinas com uma mácula castanho-escuro limitada pelas células bm, br e dm e veias R1 e R2+3, também escurecidas; venação característica com br e bm bem diferenciadas, r-m e cup presentes, célula dm pequena e trapezoidal, localizada na região mediana da asa; A1 fortemente retilínea; M1 suavemente curvada e M2 retilínea, conspícuas e alcançando a margem da asa (Fig. 1). Pernas pretas a castanho-escuras; sem esporões tibiais. Abdome arredondado e robusto, bem mais curto que o tórax, preto-brilhante a azul com reflexos metálicos, coberto com uma camada esparsa de pêlos claros. Terminália com epândrio semicircular; tergito 10 com cercos digitiformes, gonocoxitos formando um conjunto subtrapezoidal com apódemas desenvolvidos e alongados; gonóstilos digitiformes e arqueados em direção à linha mediana, com a parte basal articulada localizada no terço distal dos gonocoxitos, estendendo-se além da extremidade distal do hipândrio, com um curto processo digitiforme no início da metade posterior da margem externa (Figs. 6-7); hipândrio sub-pentagonal, tendo a extremidade distal mais alongada e protuberante, com dois

processos curtos e espiniformes (Fig. 7), que em vista lateral (Fig. 8) se assemelham a um par de ganchos curvos; edeago longo (Fig. 9), mais largo na metade distal e bífido, com os dois lobos projetados muito além da extremidade distal dos gonocoxitos; parâmeros não observados.

Comprimento total: 5 mm, comprimento da asa: 6 mm.

Fêmea. Semelhante ao macho, diferindo nos seguintes aspectos: olhos compostos dicópticos; occipício amarelado; fronte castanho-escuro e pilosa, com faixas mais claras marginando os olhos, entre o triângulo ocelar e a face; face e gena com faixas laterais de pilosidade prateada, ausente na região mediana que é glabra; mesotórax com os calos pós-suturais supra-alares duas vezes maiores que o do macho, em forma de concha, com a margem e a superfície crenuladas (Fig. 11); pernas castanho-escuras; cercos bissegmentados.

Comprimento total: 7,5 mm, comprimento da asa: 7 mm.

Material examinado: Dois machos e uma fêmea (MZSP): Brasil. Espírito Santo, Córrego do Itá, XI-XII.1956, W. Zikan col. (1 fêmea); São Paulo, Araçatuba, rio Jacarecatinga, X.1961, Lane & Rabello col. (1 macho); Porto Albano, X.1954, E. Rabello col. (1 macho, abdome dissecado).

Agradecimentos. Aos colegas Nelson Papavero, Reginaldo Constantino e Cristiane Pujol, pela revisão do manuscrito. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Processo CNPq 308636/2007-4 e 474081/2007-9).

REFERÊNCIAS

- Gerstaecker, A. 1857. Beitrag zur Kenntniss exotischer Stratiomyiden. **Linnaea entomologica** 11: 261–350.
- James, M. T. 1967. A preliminary review of the Argentine genera and species of Stratiomyidae (Diptera). Part 2. Pachygasterinae. **Acta zoologica lilloana** 21: 95–121.
- James, M. T.; M. W. McFadden & N. E. Woodley. 1980. The Pachygastrinae (Diptera, Stratiomyidae) of Middle America. **Melanderia** 34: 1–36.
- Kertész, K. 1908. Vorarbeiten zu einer Monographie der Notacanthen. XII-XXII. **Annales Musei nationalis hungarici** 7: 369–397.
- Lindner, E. 1964. Beitrag zur Kenntnis der neotropischen Pachygasterinae (Stratiomyidae, Dipt.). **Stuttgarter Beiträge zur Naturkunde** 129: 1–22.
- McAlpine, J. F. 1981. Morphology and terminology - adults, p. 9–63. In: McAlpine, J. F., Peterson, B. V., Shewell, G. E., Teskey, H. J., Vockeroth, J. R. & D. M. Wood. (Eds.), **Manual of Nearctic Diptera**. Volume 1. Monograph N°. 27. Research Branch, Agriculture Canada, Ottawa, iv+674 p.
- Pujol-Luz, J. R. 2000. *Panacris proxima* Kertész, 1908, new synonym of *Panacris lucida* Gerstaecker, 1857 (Diptera, Stratiomyidae) with notes on the male terminalia. **Studia dipterologica** 7: 155–159.
- Pujol-Luz, J. R. & C. V. Assis-Pujol. 2002. Revalidação de *Spyridopa* Gerstaecker, 1857 (Diptera, Stratiomyidae). **Boletim do Museu Nacional (NS), Zoologia, Rio de Janeiro** 491: 1–5.
- Pujol-Luz, J. R. & J. Galinkin. 2004. Um novo gênero de Pachygastrinae (Diptera, Stratiomyidae) do Brasil. **Neotropical Entomology** 31: 35–38.
- Woodley, N. E. 2001. A World Catalog of the Stratiomyidae (Insecta, Diptera). **Myia** 11: 1–473.